

EDITORIAL

A particularidade do lugar não é relevante apenas na operação historiográfica (Certeau, 1982), constitui marca indelével também nas posições assumidas pelos profissionais da área, sempre mediadas por critérios validados por determinadas rotinas e pertinências vinculadas à prática disciplinar e organizadas com base na particularidade de seu lugar social. Pode-se pensar essa ideia de “lugar social” de Michel de Certeau articulada à noção de “campo social”, de Pierre Bourdieu (1989; 2004). Os campos resultam de processos de diferenciação social, de formas de ser e do conhecimento do mundo, e o que lhes dá suporte seriam as relações de força entre indivíduos e grupos e entre estes e as instituições. Reflexões relativas ao lugar social ou mesmo à construção social de um campo, os jogos que nele se jogam, os processos materiais e simbólicos que nele são gerados adquirem especial relevância quando se precisa compreender algumas dimensões relativas aos debates sobre o ensino de História travados nos últimos meses, em razão do lançamento da proposta da Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

O ensino de História tem estado no centro de um importante debate público que envolve sujeitos situados em diferentes lugares de atuação profissional e com relações distintas de aproximações e distanciamentos com a Educação Básica. A dispersão dos discursos veiculados na mídia, que, por vezes, trazem contundentes argumentos defendendo ou rechaçando determinado desenho curricular, expõe a variedade de entendimentos relativos à História e ao seu ensino, expõe interesses que forjam determinado campo ou campos, pois pode haver “tantos campos, quantas são as formas de interesse” (Bourdieu, 2004, p.65). Expõe ainda posições que evidenciam contradições em meio a disputas sobre o que é válido e legítimo para ser selecionado a compor um currículo comum de História para a Educação Básica.

Contudo, mesmo expondo fraturas, jogos e interesses vinculados às particularidades dos lugares sociais de quem fala, o debate – ainda em curso – é capaz de trazer possibilidades instigantes de diálogos sobre mudanças necessárias no ensino de História e na formação de docentes para a atuação na Educação Básica. Decantados, tais debates e posições – mesmo que revelem contradições e disputas de poder – têm potencial para o estabelecimento de pautas comuns entre os

diferentes lugares de atuação dos profissionais da área, especialmente nos âmbitos das escolas de Educação Básica e dos cursos superiores.

A *Revista História Hoje* tem o objetivo de contribuir para o estabelecimento dessas irrenunciáveis pontes entre os diferentes lugares de produção e de divulgação do conhecimento histórico. Compartilhamos da ideia de que os embates e as divergências sobre o currículo de História não ocultam, ao contrário reforçam, a relevância do lugar ocupado pela história em nossas vidas. Estamos mais bem situados com algum conhecimento da história do que com nenhum conhecimento, como bem lembrou Peter Lee (2011).

Dando sequência a esse trabalho, neste novo número – o primeiro da equipe editorial do biênio 2015-2017 – a revista traz o Dossiê *Ensino de História e Linguagem: discurso, narrativa e práticas de significação do tempo*, organizado pelas professoras Maria Lima (UFMS) e Patrícia Bastos de Azevedo (UFRRJ). Com essa proposta as organizadoras objetivam provocar desassossegos em discentes, docentes, pesquisadores e mesmo em uma comunidade mais ampla que se interessa pelo ensino de História. O diálogo entre ensino de História e Linguagem envolve tensões, desafios e potencialidades. Tais dimensões estão presentes nos artigos, entrevista e resenhas que compõem as diferentes seções deste número. Neles encontramos olhares distintos sobre as práticas relacionadas ao ensino de História evidenciando que ainda que essas práticas e as narrativas produzidas sobre elas não sejam idênticas, apresentam inúmeros pontos de contato, possibilidades de leituras e de reflexões. Certamente as discussões propostas são capazes de contribuir para o debate e consequente adensamento intelectual e político, sempre necessário, das práticas relativas à História e ao seu ensino.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Cristiani Bereta da Silva
Editora

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Trad. Cássia R. da Silveira; Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- LEE, Peter. Por que aprender História? *Revista Educar*, Curitiba, v.42, n.4, p.19-42, 2011.